

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Mundo na sala de aula", Segunda Temporada

Episódio 13 – Garimpeiros, cristais e chapadas

Revisão da transcrição: Janaína Aleixo (Unicamp) e Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: "Mudernage", de Ellen Oléria

Arthur: Oi pessoal! Está começando mais um episódio da segunda temporada do Mundo na Sala de Aula. Uma série do Mundaréu produzida por nós estudantes, para estudantes. Eu sou Arthur Ulhôa, graduando de Antropologia na Universidade de Brasília.

Melissa: Oi galera, eu sou a Melissa, eu também sou estudante lá da UnB, faço bacharelado e licenciatura em Antropologia.

Arthur: Nessa segunda temporada da série, estamos falando sobre TCCs, nossos temidos e amados trabalhos de conclusão de curso, produzidos por colegas que recentemente terminaram a graduação de antropologia.

Melissa: Para isso, quem está nos acompanhando nessa segunda temporada do Mundo na Sala de Aula já sabe né e quem não está fica aí o convite para ouvir os outros episódios. Mas enfim, pra isso a gente tem convidado antropólogas que defenderam suas monografias nos anos de 2020 e 2021, para nos contar um pouco sobre o tema, os resultados, a pesquisa de campo, a escrita, os desafios e as histórias dessa experiência tão importante na formação de antropólogas e antropólogos. Bom, são TCCs da UnB e da Unicamp, já que o Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula são fruto de uma parceria entre estas duas universidades.

Arthur: A gente quer saber sobre o que se trata o trabalho, como ele foi produzido, quais foram os resultados, como foi apresentado, e se as nossas colegas têm alguma dica pra dar para quem está pensando em escrever um TCC. E aí, no episódio de hoje, vamos conversar com a Julia Tossim Noleto, que produziu um trabalho muito legal sobre os garimpeiros de cristal de rocha na Chapada dos Veadeiros. Bem-vinda Julia!

Julia: Oi pessoal, eu me chamo Julia Tossim Noleto, eu me graduei em antropologia pela UnB no ano de 2020, com o trabalho intitulado "*Tem vez que o cristal dá em cima, tem vez que ele dá na baixada: uma etnografia do conhecimento do garimpo e dos garimpeiros de cristal de rocha da chapada dos veadeiros no Goiás*". Esse trabalho foi orientado pelo professor Henyo Barreto Filho, que me ajudou muito com todo o processo de pesquisa e de escrita do TCC. Atualmente eu sou mestranda do programa de pós-graduação em arqueologia pelo museu de arqueologia e etnologia da USP onde eu

continuo estudando cristais, apesar de eles serem de um lugar e de um tempo completamente diferentes.

Melissa: Massa, Julia! É um prazer ter você aqui com a gente. Amo demais a chapada e estou muito animada para saber mais de sua pesquisa.

BLOCO ÚNICO

Música: “Dos pés”, do Seu Estrelo

No meu cerrado tem fulô de Angelim

É um jardim que tem Pequi, tem Jatobá

Tem Dedaleiro, Murici, Barbatimão

Tem Vermelhão, tem Buriti, um lindo Ipê, tem pé de Ingá

Arthur: Julia, você pode contar para a gente qual o tema do seu TCC?

Julia: O tema geral do meu TCC eram os conhecimentos dos garimpeiros de cristal de rocha da Chapada dos Veadeiros. Meio complicado né? Eu tive dificuldade até o final de como fechar esse tema, e como eu ia tratar de tudo aquilo que eu queria tratar. No fim, decidi que esse seria o meu tema, porque assim eu ia poder, através da entrevista com meus interlocutores, contar parte da história do povo que viveu garimpando cristal. Do povo que viveu fazendo as suas roças e usando das plantas do cerrado, pra remédio, pra comida, pra lenha. Desse povo que cavava metros dentro do morro, ficava sem ar, mas saía com um cristal na mão. Desse povo que foi com seus pais pro garimpo, e levou seus filhos também. Desse povo que caçava cristal em cima e embaixo do morro, pra vender e comprar óleo. Gerações nasceram e cresceram do garimpo na chapada dos veadeiros. E eles ainda tão lá. Eles são os guias turísticos, eles são os donos dos pequenos restaurantes, dos bares, ou então são os filhos deles, os netos, ou então eles se mudaram. Mas é um povo que tá vivo, e que continua no mesmo lugar que eles sempre estiveram, bem aqui do nosso lado, ali na chapada todinha. Então como eu ia delimitar um tema pra falar de algo que é tão difícil que é o garimpo? Eu achei que eu só podia fazer era divulgar o que eles tão falando, fazendo e lembrando hoje. No fim, o meu tema foi sobre a lembrança. A lembrança desses povos que eles têm de si mesmos, num passado bem recente.

Melissa: Nossa, muito legal. E você poderia falar um pouquinho mais sobre onde você fez sua pesquisa e quais foram as estratégias metodológicas que você utilizou?

Julia: Eu fiz minha pesquisa na chapada dos veadeiros, entre os morros e os vales, caminhando entre os diferentes cerrados, sempre atrás do Seu Dedé. Eu vou citar três estratégias que eu acredito terem sido muito importantes pra realização da minha pesquisa, principalmente pra pesquisa de campo. A primeira foi não fazer a pesquisa de campo sozinha. Como na primeira viagem eu ainda não tinha contato com as pessoas que moravam ali e também não sabia com quem exatamente eu ia conversar, eu chamei meu namorado pra me acompanhar, e quando conhecemos e escutamos algumas histórias do Seu Dedé, meu parceiro se interessou e decidiu fazer sua pesquisa de conclusão de curso ali também. Ele com a permissão de Seu Dedé, começou a gravar e a fotografar as nossas caminhadas e conversas. Assim, vem a nossa segunda estratégia metodológica, a câmera, porque ela foi uma grande aliada pra gente porque ela conseguia mostrar essas situações que eram muito difíceis de explicar em palavras. A terceira estratégia é o bom e velho caderno de campo, ele foi sempre presente, e me permitia anotar coisas que vinham na cabeça no momento, uma frase que alguém me contou, algum

lugar, alguma informação que eu ia precisar depois. Então ele sempre tava presente e eu podia anotar tudo que eu quisesse. E eu sei que existem muitas outras estratégias, mas eu decidi focar no período do, da pesquisa de campo, porque como mulher eu sei que muitas vezes existem barreiras meio chatas que a gente enfrenta, né. Então as vezes que alguém que tá passando por uma aflição escuta uma dessas estratégias e pode pensar que isso pode funcionar pra ela também.

Arthur: Sim, isso é muito importante. No episódio 12 do Mundaréu, na segunda temporada, a antropóloga Suzane Alencar nos contou a experiência dela em campo que é muito parecida com a sua. Ela foi pro campo junto com o marido, que apoiou o trabalho e se envolveu bastante com a comunidade, e isso fez muita diferença para ela e para as relações que estavam sendo estabelecidas durante a pesquisa. Quem quiser saber mais, vamos deixar o link no site do mundaréu. Mas Julia, depois dessa pesquisa de campo, como foi o seu processo de escrever o TCC? Quantas páginas tem o seu texto e quais foram as suas estratégias pra escrever?

Julia: Meu processo de escrita foi algo como o processo de imersão em tudo aquilo que eu havia lido, tudo aquilo que o Seu Dedé havia me contado e todas as informações que eu tinha adquirido e coletado até ali, o momento antes de escrever a primeira linha da página em branco. Foi também o momento de voltar em tudo o que eu já havia escrito, porque desde os primeiros momentos de orientação, principalmente durante o seminário de pesquisa, o meu orientador, o professor Henyo, havia trazido alguns exercícios de escrita, alguns em relação a bibliografia e outros em relação ao cronograma de escrita do próprio TCC. Nesses exercícios eu escrevia como e por que eu ia usar aqueles textos, quantos capítulos eu pretendia escrever, e sobre o que cada capítulo se tratava. Esses exercícios foram fundamentais pro início da escrita do meu TCC, porque agora que eu tava imersa em todo conteúdo, em todas as informações e já havia feito uma proposta de um caminho, foi mais fácil eu ordenar e escrever as minhas ideias. Apesar de eu ter me proposto uma ordem, essa ordem ela mudou bastante, porque quando eu comecei a escrever o TCC, eu fui percebendo onde haviam lacunas, onde eu fugia do tema, onde faltava uma bibliografia, onde faltava uma imagem pra tentar descrever melhor aquela situação. Então todo esse processo de escrita foi se tornando um processo fluido. Eu cheguei a escrever por cerca de 6 meses, começando no capítulo 1 e terminando com a introdução e a conclusão, né, em cada capítulo que eu terminava de escrever eu enviava pro Henyo, meu orientador, e esperava o momento de feedback e revisão, e ali eu tirava alguma dúvida com ele, fazia alguma inserção de bibliografia que precisava, às vezes tirava e cortava algum trecho, né, então esse processo de enviar e ter o retorno do Henyo também foi muito importante pra esse processo de escrita. Além disso, quando eu ficava na dúvida eu pedia pra algumas outras pessoas lerem também me contarem o que elas entendiam, né. Então esses 6 meses da escrita do TCC foram de muito trabalho, mas no final eu tive um TCC de 109 páginas, com um glossário, cinco capítulos recheados de imagens e trechos de entrevistas que eu realizei com meus interlocutores.

Melissa: E você pode contar para a gente alguns dos principais resultados da sua pesquisa?

Julia: Eu cheguei em alguns resultados com a minha pesquisa. Especificamente com a pesquisa bibliográfica eu entendi um pouco mais sobre como o Goiás possui 11 mil anos de história, e como essa história é marcada pelo sangue dos povos originários e dos negros escravizados trazidos pro Brasil, pela mineração de ouro e pedras preciosas, pela produção agrícola e pecuária e também pelo esvaziamento de muitas cidades e regiões. Mas eu também entendi que essa história é marcada por muita resistência, seja das pessoas que viviam e continuaram vivendo por essa terra, seja pelo ambiente, que é queimado mas também se reconstrói. As histórias que me foram contadas por Seu Dedé, Tila, Varlei e tantas outras pessoas, pintaram um cenário que eu nunca havia visto da chapada. Foi com elas por exemplo que eu entendi que garimpar cristal ou caçar cristal era mais uma atividade como a roça, a caça, a colheita de frutas e plantas do cerrado e que formavam a economia familiar dos garimpeiros, e que também quase todos membros da família garimpavam, fosse homem ou fosse mulher. Foram essas memórias que descreveram um passado repleto de gente morando nas vilas garimpeiras, chamadas de corrutelas, e que muitas dessas continuaram nos seus lugares, como a vila

de São Jorge, que antes era conhecida como a baixa dos veadeiros. Como essas histórias são muito interessantes e tão recheada de saberes tradicionais, eu escolhi divulgar para as outras pessoas o máximo que eu pudesse, o que resultou na publicação de dois ensaios fotográficos, um pelo IRIS do Departamento de Antropologia da UnB, e outro durante a décima oitava semana de antropologia da UFRN, e ainda na produção de um documentário em colaboração com meu parceiro José, que me acompanhou em campo e foi gravando toda a nossa experiência.

Música: “Dos pés”, do Seu Estrelo

No meu cerrado tem cheio de Goiabeira

Tem flor vermelha, Araticum, Jequitibá

Tem Craviúna, bem Barú, Tapiriri

Tem Bacuri, folha-da-serra e pé de Jacarandá

No meu Cerrado tem o Capitão do Mato

FECHAMENTO

Arthur: Mel, gostei demais da pesquisa da Julia, e acho que a parte que mais me tocou foi o próprio tema da pesquisa. A gente que mora em Brasília tem uma relação muito forte com a chapada né, é aqui do lado, e pra mim lá é meu lugar favorito do mundo todo. Amo viajar para lá sempre que posso. Mas acaba que a gente só conhece essa parte turística da região, naquelas cachoeiras surreais, as paisagens maravilhosas, os eventos culturais que sempre rolam lá. E muitas vezes esquecemos que a chapada é muito maior que isso, que tem gente que vive lá a milhares de anos, e que aquele lugar passou por inúmeras mudanças ao longo da história. Com o aumento do turismo muitas dessas histórias são invisibilizadas e deixadas de lado. Por isso achei super legal e importante essa pesquisa da Julia de contar sobre a vida de quem vive, de quem cuida e conhece essa região há gerações. Achei super legal também como que a lembrança e a memória tem um aspecto central na pesquisa da Julia.

Melissa: Com certeza! E eu vou te dizer Arthur, eu também tenho um amor muito grande pela chapada, foi muito bom conhecer mais dela com a pesquisa da Julia. E tem outros pontos que ela falou que também são super importantes e centrais na Antropologia, pensando em metodologia e técnicas de pesquisa. Ela falou do bom e velho caderno de campo, o melhor amigo de qualquer antropólogo né, mas também falou da importância da câmera fotográfica, que permitiu que ela, além de registrar dados que foram difíceis de escrever, que ela mostrasse sua pesquisa através das fotos, nas exposições que participou depois. Ou seja, as fotos além de serem um instrumento de construção de dados, foram também um resultado da pesquisa de, que pode influenciar bastante as possibilidades de acesso a determinados lugares, interlocutores, informações etc.. E também pode trazer desafios específicos, principalmente no caso das mulheres pesquisadoras. Por isso muitas antropólogas optam por elaborar estratégias para driblar esses obstáculos, e no caso da Julia, ela escolheu não ir sozinha para o campo.

Música: “Mudernage”, de Ellen Oléria

Melissa: Então, é isso gente, estamos chegando ao final desse episódio. Espero que tenham gostado de ouvir sobre a pesquisa da Julia.

Arthur: Queremos agradecer demais a Julia, a Melissa por me acompanhar na apresentação desse episódio, a toda a equipe do Mundaréu em Brasília e em Campinas, especialmente a Soraya Fleischer e Daniela Manica pela coordenação deste projeto de pesquisa, ensino e divulgação científica.

Melissa: Valeu demais, Arthur! Tchau gente!! Nos ouvimos no próximo episódio! **[fim da música]**